A. J. I.

Orgão da Associação da Juventude Israelita de Belo Horizonte
(circulação interna)

Direção : EMÍLIO GRIMBAUM
Redação : VITAL BALABRAM
SIMON SCHWARTZMAN
Desenhos: JACOB KORMAN
MARCOS SHAIMBERG

PRINCÍPIOS:

1 - Os artigos assinados não conterão necessàriamente a opinião da redação ou do clube;
2 - Não nos obrigamos a publicar qualquer trabalho recebido;
3 - Não devolvemos originais não publicados.

Capa de JACOB KORMAN

ÍNDICE

******

Editorial

LUTA A A.J.I. PELA UNIDADE DO POVO JUDEU

SOMOS de opinião que, para que haja maior compreensão mútua entre os homens, é necessário que se tenha meios para trocas e efetivação de idéias e pensamentos. Eis porque consta do trabalho da.. A.J.I. o planejamento e efetivação desta revista, que embora humilde e simples, contém aquilo que, realmente, a juventude sentia e sente, e que necessita transmitir a todos. As funções desta revista serão as mesmas da nossa entidade!

Em primeiro lugar, proporcionar ao jovem uma vida sadia de juventude, o encontro do jovem consigo mesmo. O jovem necessita de um ambiente fraternal, elevado, e ao mesmo tempo, juvenil, onde desenvolva sua cultura, seu espírito de sociedade, de solidariedade humana e colaboração.

Em segundo lugar, o desenvolvimento do espírito judáico. A juventude judáica precisa estar mais próxima da cultura e da tradição de seu povo. É a continuadora desta grande cultura, e por isto, grandes são suas responsabilidades. Consideramos o judaísmo não uma série de conceitos estáticos, mas uma cultura viva, de um povo que vive e produz, e por isto, uma cultura em constante progresso e desenvolvimento. Apreender êste desenvolvimento, dar a êle nossa contribuição, saber como isto é feito em Israel e outras partes do mundo, eis outra de nossas finalidades.

E, em terceiro lugar, unir a coletividade judáica. Podemos afirmar com segurança que a AJI foi a primeira organização no Brasil que conseguiu um perfeito entrosamento, uma perfeita compreensão e colaboração mútua entre grupos diversos da juventude judáica. Nossos temores passados, de uma possivel cisão, já estão superados. A experiência nos mostra (e contra ela não há argumentos) que tinhamos razão quando afirmávamos que qualquer divisão entre judeus era falsa e artificial. Agora, entramos na maturidade. Não tememos mais a aproximação com outras entidades judáicas de tendência política-partidária (ostensivamente ou não). Colaboramos com a Ala Moça da União Israelita, mandamos nossa delegação esportiva à Macabíada no Rio de Janeiro, estamos dispostos a colaborar com o Círculo Israelita de Belo Horizonte. Notamos com alegria, depois de um ano de existência, que o antigo "gêlo" existente entre a U.I. e o C.I.B. .. vai-se arrefecendo, e estas duas entidades já iniciam uma colaboração. Nosso ishuv é fraco e pequeno. Esperamos que as duas sédes próprias em planejamento e execução pela AIB e UI, respectivamente, se

jam transformadas em uma só, que realmente exista, e onde a AJI receba também a séde que faz jús. Até lá, manter-nos-emos em separado. Somos um clube com personalidade própria, não apenas um grupo de jóvens. Por isto, declinamos do uso alternado das sédes da UI e do CIB, como várias vezes já nos foi proposto. Tal coisa eliminaria esta nossa característica.

Consideramos que alcançar nossos objetivos é trabalhar pela paz, pela amizade e pela fraternidade entre os homens, onde, acima das divergências de opinião, paire a unidade e a solidariedade humana. Nossos frutos, nós os colhemos dia a dia, e quem observar esta A.J.I. heróica, apesar de sua fraqueza e intermitência, aliado à uma inexplicável falta de compreensão e incentivo por parte de certos setores (felizmente já bem reduzidos) da coletividade, verá, nêste humilde exemplo de trabalho e abnegação, que a humanidade pode se vangloriar de sua razão de ser.

A Redação

Agradecemos ao *Dr. Lidio Machado Bandeira de Mello* e ao *Engenheirando Silvio Piroli*, tôda colaboração prestada, sem a qual não nos seria possível a presente publicação.

Belo Horizonte, outubro de 1956.

O ÊRRO

Conto de " Mito "

Que eu cometera êrro irremediavel, não havia a menor dúvida.

Esther e meus filhos não me perdoariam.

E tudo por que? Por uma desmedida falta de atenção, por um descuido, em fim, por uma negligência .

O pior é que nem sequer sei explicar à minha mulher e às crianças, especialmente a Moysés, meu filho mais velho.

Nada comentarei em casa. O que está feito está feito. O homen másculo não dá satisfação dos seus atos. Limitar-me-ei a comunicar o acontecido sem explicar-lhe as razões ou invocar defesa em meu favor. Que de mim façam o julgamento que melhor lhes aprouver.

Dificil, entretanto, será justificar-me perante mim mesmo. Perante minha consciência. É o remorso. A êle que me penitencio. Ao remorso e ao meu amor à minha familia.

É exatamente ao lar a quem devo minhas satisfações. É ao doce anjo da guarda que vela pela minha felicidade e da dos meus filhos a quem devo confessar e pedir perdão. É a essa companheira de lutas e de trabalhos.A ela que me oferecera a felicidade dos meus três filhos, da alegria e do conforto do lar. É ela pois quem me julgará, absolvendo-me ou condenando-me.

-oOo-

Tudo começou naquela manhã amazônica quando os raios solares banhavam a imensa floresta. A nossa casa

fôra construida à beira de um largo "igarapé" * de água negra.

Dedicava-me à indústria extrativa da borracha, produto que comerciava com os propietários dos " regatões " ** que, nas suas espaçosas viagens àquele rincão escondido, supria-nos dos mantimentos necessários até nova visita.

Esther cuidava do lar e das nossas três crianças: Moysés, Marcos e Renée.

Com a habilidade própria da mulher, fizera ela os arranjos necessários a que tivessemos o conforto desejado. Apezar de sedentários nada nos faltava, já que a par do confôrto material Esther e eu nos amavámos bastante e dividiamos o nosso amor com os nossos filhos.

Durante o dia, levantava-me muito cêdo e, em companhia de Moysés, embrenhava-me na mata à procura das seringueiras das quais colhia o leite nas "tigelinhas" previamente colocadas abaixo do córte produzido na árvore.

"Bororó", um vulgar cão de caça, pelo grande amor ao seu dono - Moysés, não se privava dêste nosso trabalho matinal. Assim, lá ia êle à nossa frente como que abrindo caminho à nossa passagem, saltitando e brincando ou perseguindo pequenas caças.

Ao meio dia, de volta à casa, recolhiamos o "latex" produzido com o qual, mais tarde fabricariamos as "bolas" de seringa que eram armazenadas num "barracão"

---

* - Igarapé - Riacho de curso regular.
** - Regatão - Navio que conduz mercadorias para venda direta ao consumidor.

contiguo à nossa casa a-fim-de serem entregues aos "regatões".

Acontecera a guerra. Os navios brasileiros haviam sido torpedeados e a Amazonia sofria uma crise quasi absoluta falta dos generos de primeira necessidade. A calamidade nos atingira.

Devido a ausência dessas mercadorias os "regatões" suspenderam suas viagens e, em consequência, os nossos mantimentos começaram a minguar até desaparecer completamente. Esther, desesperada, não sabia mais como "enganar" os estômagos dos nossos filhos.

Foi então que, nessa manhã amazônica, armado de um "rifle" e de um facão do mato embrenhei-me na floresta à caça de qualquer alimento. Moisés ficara em casa, mas permitira que levasse comigo "Bororó".

Embalde atirei em tudo o que vi e em tudo não vi. Como sou péssimo caçador, nada colhi.

Sentei-me, já cançado, sôbre um tronco de árvore caido e comecei a meditar sôbre o que poderia fazer em favor de minha amada familia.

Á êsse momento, partindo de uma capoeira, uma grande manada de porcos do mato aproximava-se de minha direção, em disparada .

Arquitetei um plano. Escondí-me atrás de uma frondosa árvore e , de facão em riste, aticei "Bororó" contra os animais.

Pensei com seus botões: um dêsses porcos passará por aqui e alcança-lo-ei com o facão. Plano feito , plano executado.

(continua na pag. 45)

A JUVENTUDE IDISH

E O FUTURO DE NOSSO ICHUV

(adaptado do trabalho de Joseph Caplum)

A juventude, como continuadora imediata do trabalho cultural da"velha guarda" judáica, constitui um setor em separado, " sui generis ", e merecedor de atenção especial, por sentir problemas peculiares, cujas soluções lógicamente, devem ser também peculiares.

Para que o objetivo de continuação do judaismo seja conseguido, é necessário incrementar e prestigiar , em primeiro lugar, todos os representantes, digo, empreendimentos dos clubes, sejam êles de caracter cultural , social ou esportivo, pois, manter os judeus unidos em torno de sua cultura, é necessário, antes de tudo manter os judeus unidos!

Para garantir hoje o futuro amanhã, temos necessidade de manter preparada uma juventude sadia e disposta, uma juventude que sinta, comprenda e trabalhe como judia - uma juventude IDISH !

Se bem que a juventude em geral seja estudiosa, assim como empreendedora, não podemos dela exigir que se dedique exclusivamente ao estudo de nossa cultura. Não podemos deixar que lhe pareça que ser judeu se limita apenas a lêr livros judeus - isto seria errado. A juventude gosta também de se divertir; a juventude gosta de recreações, de festas, de passeios.

Afim de mantê-la unida, incrementemos também a

a suas realizações sociais e esportivas, e então podere mos exigir-lhes realizações culturais. Promovamos intercâmbios sociais e esportivos e teremos, em consequência, um intercâmbio cultural mais amplo , mais proveitoso,mais expansivo.

À par de outras coisas, para um desenvolvimento da cultura judáica, julgamos de primordial importância a divulgação de livros e periódicos judáicos em língua portuguesa.

- Porque isto?

- Porque a juventude, em sua esmagadora maioria ou melhor, em sua quase totalidade, não entende o idish. Não procuraremos aqui pesquisar as causas disto; temos diante de nós um fato concreto, devemos encará-lo como tal e procurar uma solução.

Sabemos perfeitamente que o idioma idish nos é caro, como é caro o nosso povo.Sabemos que foi na língua idish que o povo judeu encontrou os seus maiores escritores e poetas; que foi na lingua idish que o povo judeu cantou suas alegrias e seus sofrimentos, como também foi , sabemos que foi em idish que os nossos heróicos irmãos se levantaram contra o opressor nazista, preferindo entregar seu sangue, mas não sua honra e sua liberdade.

Sabemos, porém, por outro lado, que o idioma idish não é o primeiro idioma do povo judeu, embora tenha sido, por séculos e séculos, um dos elos de identifi

cação de nosso povo em todas as partes do mundo.

Entretanto, o idish tem deixado de ser o nosso querido "mamelushn" - papai e mamãe e não tate-mame têm sido as primeiras palavras que as nossas gerações têm aprendido, e assim, neste ambiente tem a juventude estado bastante distanciada de nossa cultura. Isto se dá não somente no Brasil, mas em todos os países do mundo, inclusive em Israel .

Qual será a solução?

Mandar a juventude estudar idish?

-SIM !

Mas só isto?

-NÃO ! Os relógios do mundo não pararão à espera de que a nossa juventude aprenda e saiba manejar com desembaraço o idish.

-Que devemos fazer então? Capitular?

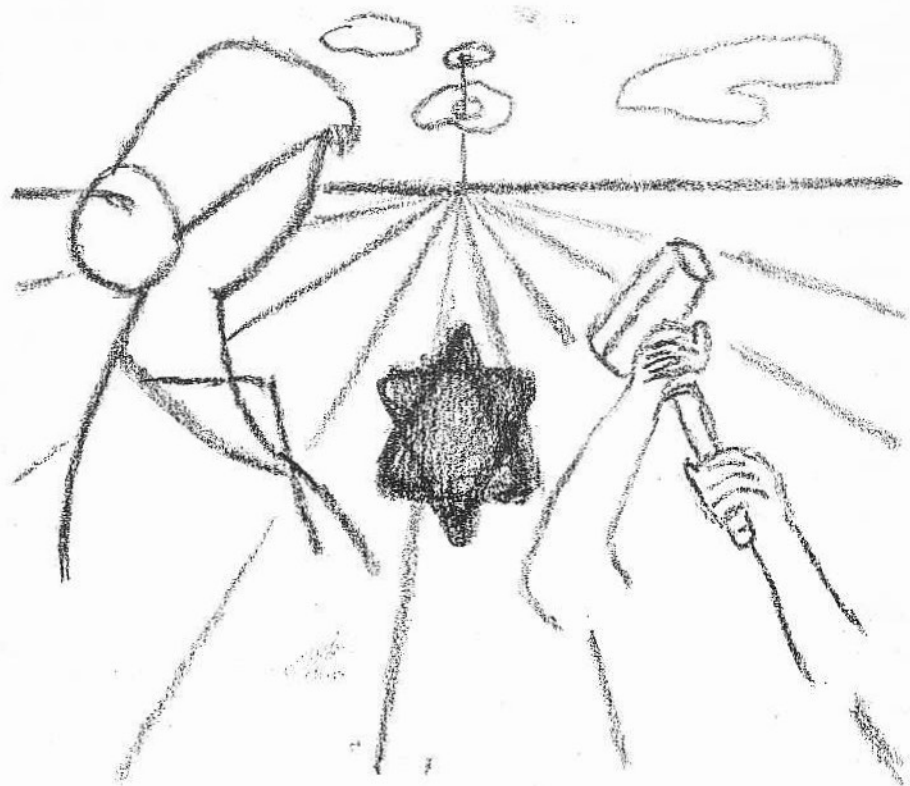
-Isto nunca !

Vejamos então se o idish é indispensável em caso extremo à nossa cultura. Não ! Temos escritores judeus que têm escrito sobre assuntos judeus, enriquecendo de maneira grandiosa a cultura judáica, porém em outros idiomas. O valor essencial da cultura não está em sua forma, mas em seu conteudo. Howard Fast, o grande escritor judeu norte-americano, escreveu a história de nosso povo em " Meus Gloriosos Irmãos ", de maneira singular e empolgante - é cultura idish? Sim! Cem por cento idish! Por outro lado, por exemplo, D. Quixote, de Cervantes, foi traduzido várias vezes para o idish. É cultura idish?

Não! Embora seja um trabalho louvável e de grande vulto, não deixa de ser literatura universal em língua idish . No primeiro exemplo, nós temos a cultura idish difundida em todos os idiomas para todos os povos, abrangendo milhões e milhões de leitores, em quanto que no segundo exemplo, vamos encontrar a obra clássica da literatura universal, de autoria do grande escritor espanhol, traduzida para o idish, língua que abrange apenas alguns milhares de leitores, isto sem considerar que aquêles que falam idish são em geral bilingues, e poderiam lêr esta obra em outra língua.

Seguindo êste raciocínio, chegaremos à conclusão de que a literatura idish em outras línguas abre novos horizontes à nossa cultura, dando-lhe novos e numerosíssimos leitores, mostrando-lhes assim quem somos nós , como pensamos e quais nossos objetivos, esclarecendo desta forma à grandes massas e adquirindo novos e sinceros amigos, contribuindo desta forma para diminuir, ou mesmo anular, finalmente, a exploração do antissemitismo, que só consegue adeptos onde encontra a ignorância.

Infelizmente existem aqueles que não admitem uma sociedade judáica sem a língua idish. Infelizmente existem aquêles que chamam de goim a jovens que não cultivam o idish. Consideramos isto muito perigoso, pois tal atitude poderá vir a provocar um ressentimento por parte da juventude pelo idish e pelo o que é idish, e transformar nossa cultura num enclausuramento monolíngue de difícil acesso e que, por isto mesmo sofrerá uma ruptura

(continua na pag. 42)

HINO À SOBREVIVÊNCIA
DE UMA RAÇA

M. Schainberg

Mamãe,

Por que sou judeu?

Mamãe, é porque.....

...Por que você é judia?

-Sim meu filho, senão,

Senão... você não o seria;

Não seria judeu, que desgraça

Não pertencer a esta raça

De tão grandes tradições
De História
De Cultura
De Amor.

- Mamãe, mas isto não me basta:
Eu quero às gotas do orvalho
Que são a nossa Cultura
Juntar o meu trabalho,
Minha fé, minha obra,
Antes que o sol da inatividade
A segue.

Obsessão triste a dêste povo
De nada criar de novo!

É preciso fazer do orvalho
Um rio caudaloso
Fonte de mais energia
Para novas tradições.
E, para isto...: os moços.
Mamãe,
Onde está a juventude
Com o afã empreendedor?
É preciso lutar...
Lutemos!
Porque... mamãe,
Porque eu preciso...
Eu quero uma pátria, mamãe!

O T E M P O E E U

M. Schainberg

Ao acordar, todos os dias, eu me sinto rico.
Mas tão fugaz é minha fortuna...
Nem vale a pena, talvez,
Ser milionário do tempo.

Sei que,
Aliada à bôa disposição
Que me traz a fria manhã,
Vem-me também a riqueza, e não menos que àquêle
Que entre alvas plumas desperta
E que toma café ainda com o gôsto de uisque,
Ressaca e Cadilaque
Da noite passada.

Minha bôlsa enche-se tôdas as manhãs
Da magia que faz
Passar o Amor
Apagar a Saúdade
Queimar a Tristeza:

O Tempo. E eu...
Tôdas as manhãs,
Estou cheio de alegria.
Alegria da Justiça,
Justiça dêle, o Tempo,
Que a ninguem mais que os outros beneficia
E que põe-nos na carteira
Vinte e quatro horas de sua essência,
Cada dia:
"Gaste o que te dou", diz êle.

Mas quem o faz sensatamente?

Quanta fortuna esperdiçada por aí,
Quanta riqueza atirada ao vento ...

"É preciso poupá-la, ela se acaba um dia!"
"É preciso recolher as sobras!"
Mas tú ... onde estás oh vida?
Onde estás, Lixeira do Tempo?

*
***
*****

(continuação da pag. 17)
que por vêzes até se nos depara de um modo decepcionante.
Há por acaso algum mal em um rapaz conversar mais demora-
damente com uma moça? Se êles assim o fazem é porque têm
algumas idéias em comum, ou talvez sintam prazer em dis-
cutir um assunto, já que têm o mesmo nível social, cul-
tural e religioso. Acho que devemos ligarmo-nos mais e
quebrar esta parede de gêlo que ora nos separa.

Não sou pessimista absolutamente. Grandes são
os progressos da A.J.I.; porém resta-nos aperfeiçoar o
que ainda falta. Assim sendo, faço um apêlo a vocês. Fa-
çam o possível para que essa numerosa família seja mais
unida, mais amiga e que acabem êsses comentários, risos e
piadas sem gôsto, quando porventura rapazes ou moças têm
uma conversa mais prolongada ou talvez o início de uma
grande e duradoura amizade!

Quando desaparecerá essa maldade nos corações
humanos? Façam um esfôrço, e tirem essa mancha assombro-
sa que não permite a amizade desinteressada da matéria ;
pois a maior de tôdas é a espiritual.

O ELO QUE DEVE UNIR

A JUVENTUDE ISRAELITA

Rabindra

Poucas são as pessôas que possuem o belo dom da palavra e, como não acho-me incluida nêste rol, espero portanto, da parte dos leitores a mais razoável das críticas.

Êste assunto é um problema com o qual devemos nos preocupar imensamente. A nossa união mais forte que o ferro, mais límpida que a água dum regato, deve ser efetuada o mais rápido possível.

Grande foi a realização da A.J.I. unindo os jovens israelitas de Belo Horizonte. Ela trabalhou intensamente para a união material, porém falta-lhe ainda o toque final. Falta-lhe a alma, isto é, a amizade fraternal que tem de reinar em todos os corações para que haja uma verdadeira concatenação. O que é o corpo sem a alma? Êle definha e assim é o que provavélmente se dará conosco. Se a nossa união não fôr alicerce de uma sólida amizade, certamente ruirá por terra.

Temos que trabalhar para estabelecer a verdadeira amizade entre o rapaz e a moça israelita. Devemos julgar-nos componentes de uma numerosíssima família, a A.J.I. da qual somos filhos e filhas, e na qual todos os membros são parentes entre sí. Em reuniões e festas principalmente não deve haver êste estranho constrangimento ,

(continua na pag. 16)

SOBREVIVÊNCIA JUDÁICA
E ANTISSEMITISMO

Simon Schwartzman

Para analizar êste problema, que pode ser considerado uno, teremos primeiro que fazer uma série de constatações, e desfazer outra série de noções erradas que sempre dificultaram qualquer raciocínio a respeito.

Em primeiro lugar, veremos o que o povo judeu <u>não</u> é.

Não é, antes de tudo, superior a qualquer outro povo, o judeu. Parece infantil ter que dizer isto, mas ainda há alguns que raciocinam à base de uma pretensa superioridade, usando os mesmos argumentos que serviram de base aos nazistas na segunda guerra mundial. Não nos deteremos nisto.

Em segundo lugar, não é pela tradição, cultura ou religião que os judeus se mantêm como tal. Com efeito, um determinado grupo que, por esta ou aquela razão, se diferencia dos que o cercam, cria uma cultura própria, que é, pois, fruto de sua existência, e não causa. Isto não significa, como veremos abaixo, que a cultura judáica, e particularmente a religião, não tenha sido um fator de importância nesta sobrevivência.

Em terceiro lugar, e finalmente, os judeus não formam uma nação. Segundo a dialética, nação é um conjun

to, ou melhor, uma comunidade humana que tem em comum os requisitos básicos de base territorial, língua, interdependência econômica e tradições e costumes. Ora, aos judeus faltam a quase totalidade dêstes requisitos, ou sejam, a língua, a base territorial (inutil assinalar que Israel serve de base territorial a apenas parte dos judeus, não à sua totalidade), a interdependência econômica.

Então, como caracterisaremos êste povo ?

Formando os judeus um grupo diferente do meio em que vivem, e estando em minoria, podem ser classificados, antes de tudo, como minoria nacional.

Estas diferentes minorias judáicas, apesar de diversas, têm um mesmo nome, devendo ter, portanto, uma série de características comuns. Quais serão elas ?

Uma destas é, sem dúvida, a tradição histórica e religiosa. Entretanto, vimos que esta característica não é determinante. Outro traço comum é que o judeu ocupa sempre o papel de pequeno comerciante, artezão ou pequeno industrial. E ao analizarmos as causas disto, veremos que são elas, em última análise, as causas da sobrevivência judáica no exílio.

Por que o judeu se dedica a estas atividades?

Acima de tudo, por razões geográficas, o judeu entrou no mundo como tal. Quem examina a posição da Palestina no Mapa-Mundi, observa que êste país encontra-se bem no ponto em que se cruzam os caminhos para a África, Ásia e Europa. Não era natural que os que ali habitavam

dedicassem-se ao comércio e à pequena indústria manufatureira? E foi pelo comércio, à princípio, que os judeus se espalharam pelo mündo. Diz a "história" que a causa disto foi a destruição de Jerusalém pelo Imperador Tito. Engano. Já nesta época, o número de judeus fora da Palestina era, no mínimo, igual aos que nela habitavam.

Mas só pelo comércio os judeus jamais manter-se-iam durante tanto tempo como povo, e nem eram obrigados a se manterem contìnuamente nesta profissão básica. E eis aí, então, onde entra o papel da cultura judáica, como elemento refreador da assimilação. Para melhor compreendermos isto, remontemos um pouco à antiguidade

Como surgiu o povo judeu?

Ainda que admitamos o seu início com Abraão, a sua cristalização definitiva, assim como a da própria religião judáica, teve início na época histórica que a Bíblia chama de "Êxodo"

Não se pode afirmar com segurança que todos os seguidores de Moisés eram judeus. Entretanto, não resta dúvida que eram escravos e que seu movimento, antes de ser um movimento de "volta", era de revolução, e que êstes escravos, independentemente de sua origem, deram base a êste povo.

A religião, nesta época, aparece com todo o seu aspecto de cobertura, de <u>superestrutura</u>. Realmente, a história egípcia refere-se ao faraó Aknaton, ou Amenófis IV, como o que usou o monoteísmo como arma de luta contra o poder exercido pelos sacerdotes, nas mãos de quem, segundo sabemos, os faraós não passavam de bonecos,

e que defendiam o culto de Isis e Osiris. Esta luta, antes política que religiosa, foi vencida pelos sacerdotes, que redobraram seu poderio. Não era natural que um movimento exercido também contra êste poder, como o movimento revolucionário de Moisés, tivesse também como ideologia o monoteísmo, levando-se em conta ainda não ser muito grande o espaço de tempo entre o reinado de Aknaton e a revolta judáica?

Foi desta forma que surgiu a religião judáica, com uma característica singular: era a ideologia de uma revolução, tinha características nìtidamente populares. Isto se evidencia ainda mais por toda a história da Palestina: sempre que um soberano judeu voltava-se contra os interêsses de seu povo, surgiam profetas que os combatiam com todas as suas fôrças, exemplos soberbos de líderes populares que eram. Não foram assim Samuel, Jeremias, e mesmo Cristo? Deante disto, não se torna difícil ver que o judeu simples nem tão fàcilmente afastar-se-ia de sua religião, e que ela, em qualquer meio, impediria uma rápida assimilação.

Eis-nos, então, com os elementos para concluirmos nosso raciocínio. O judeu, em ambiente estrangeiro, sendo comerciante , não desce ao campesinato, mas não pode incluir-se entre os possuidores de terras; êle, que já era comerciante, continua nesta atividade. Enquanto é útil ao meio em que vive, não sofre qualquer coação, e, lentamente embora, vai se assimilando, ainda que sempre refreado por sua cultura particularíssima. Entretanto,

(continua na página 46)

ROSH-HASHANÁ

Henoch Halsman

Dia 5 de setembro foi o início de um novo ano judáico. Cinco mil setecentos e dezessete anos! O povo judeu na diáspora e em Israel, comemora rejubilante a entrada do ano novo!

Não sòmente a frequência na sinagoga evidencia este fato. Mas é o coração de cada judeu que o sente, com os pensamentos voltados para Israel, e a todos acontecimentos martiriológicos do judaísmo, desde os romanos, até o ghetto de Varsóvia, e a guerra de libertação.

Já é uma tradição, entre nós, uma minoria dos jovens ir à sinagoga. Não para rezar, mas para conversar (é claro que há exceções). Aliás, não se deve exigir dos jovens que pratiquem à risca aquilo que os pais não mostram com seu exemplo. Daí, a maior parte dos judeus que vão à sinagoga, o fazem por tradição, e não por religião.

É costume desejar alguma no ano novo. Pois bem! De minha parte, desejo felicidades à todos judeus que comprendem o sentido da unificação real do ishuv e da juventude de Belo Horizonte. Que o ano de 5717 seja um ano onde o ódio entre os homens diminua para o bem geral dos judeus e da humanidade. Que seja o ano em que os judeus do Brasil ajudem seus irmãos necessitados, que as vozes se levantem em sua defesa, em todo o mundo. Que seja este o ano da real unificação de nosso ishuv!

AJI, AVANTE!

Não temos receio de repetir o velho chavão de que a AJI "veio preencher uma lacuna à muito existente em nosso meio". Não temos receio, repetimos, porque a AJI teve realmente esta função.

Sendo a coletividade judáica em Belo Horizonte reduzida, e ela mesma reduzida ainda mais, por ser dividida ao meio, nunca foi possível a existência de pequenos clubes juvenis isolados. De tempos em tempos, nos diversos setores da coletividade, surgiam organizações juvenis que, ainda que algumas fossem lançadas espetacularmente, cêdo ou tarde vinham a desaparecer. Lentamente, a juventude foi-se saturando dêstes clubes-relâmpagos, e, gradativamente, foi perdendo a fé nos denodados ativistas que nunca, apesar dos pesares, esmoreciam.

Nêste ambiente, a AJI surgiu quase que espontâneamente. Estando a situação madura, "pegou" de tal forma que empolgou a própria diretoria fundadora. Não esqueceremos mais a primeira atividade da associação, uma hora dançante. Nunca havíamos visto, em Belo Horizonte, tanta juventude, tão grande número de jovens juntos.

Sem séde, cercada de incompreensões por todos os lados, com uma diretoria a princípio "auto-nomeada", a AJI sempre teve esta característica básica: o apoio e a colaboração de toda a juventude. Em suas realizações, apareciam jovens que nunca tinham participado de nenhuma atividade social, indivíduos que sempre julgávamos inca-

pazes para qualquer trabalho mourejavam com denôdo na diretoria

Sentindo-se definitivamente forte, a diretoria convoca em fins de agôsto do corrente ano a 1ª Assembléia Geral, na qual a atual diretoria foi eleita. Nesta Assembléia, foi com orgulho que houvimos o relatório da diretoria demissionária. Os números eram eloquentes. O quadro social atingia a mais de 100 sócios, pràticamente a totalidade da nossa juventude. As festas sociais somavam-se a dezenas, sempre bem concorridas. O Departamento Cultural, ainda que de maneira quase imperceptível, tinha realizado um grandioso trabalho de conferências, abrangendo todos os temas de interêsse, desde a "Psicologia do Matrimônio" até "A Universidade de Jerusalém", trazendo nomes desde o poeta Shnaier Vasserman, ou o rabino Diesendruch, até a nossa própria "prata da casa".

Agora, a nóvel diretoria procura acertar passos para a frente. Saindo de seu enclausuramento, a AJI procura entrar em contato com todas as organizações juvenis; suas sessões culturais têm sido muito concorridas, e iniciamos um ciclo de conferências femininas. Lançamos esta revista, e esperamos que não fique só no primeiro número. Os departamentos andam em grandes atividades, os planos são muitos. De uma coisa, estamos certos: apoio dos sócios não falta. Se falta alguma coisa, é apenas mais trabalho. Mas isto tmbém nunca foi negado. Não temos por que parar. Avante, AJI!

FARRAPOS DE PAPEL

1 _ Nem sempre o belo musical se corporiza nas grandes sinfonias.

Escuta: _ Numa dezena de notas, sôbre um decímetro de pauta, cabe a infinita poesia de um riso de criança ou a singela doçura de um canto de canário.

2 _ O corpo é a expressão do espírito. Encarando uma pessoa, apercebemos duas cousas interpenetradas: a fórma exterior da matéria corpórea e a expressão (movimento que o espírito imprime a essa fórma).

3 _ Expressão é o movimento do corpo correspondente a um estado do espírito: é o correspondente fisiológico de um fenômeno psicológico.

4 _ A simpatia (considerada na pessoa vista, e não na pessoa que vê) é o retrato do espírito entrevisto ou advinhado através da expressão do corpo. Quando êsse retrato

nos agrada, dizemos que o retratado nos é simpático. No caso contrário, chamâmo-lo antipático.

Dando à palavra beleza um significado analógico (metafórico), podemos definir:
— A SIMPATIA É A BELEZA DA ALMA; A ANTIPATIA, A SUA FEALDADE.

E, como os gôstos variam, o que é belo (ou feio) para um pode ser feio (ou belo) para outro.

5 — Acaso não te acercas de um pássaro que saltita alegre e brincalhão, nos ramos de teu jardim, de um animal gracioso que te enleva e desperta o teu instinto de ternura por tudo quanto é vivo e inocente?

Pois faze-te como o pássaro ou o animal gracioso:

vive alegremente e praticando o bem:

pode ser que sêres superiores se acerquem de ti e se animem a amar-te e a fazer-te o bem, como te animas a fazer o bem aos animais inferiores que te provocam simpatia.

6 _ Para as crianças, os pais são sempre perfeitos (por feios e repulsivos que sejam para extranhos).

Sêde, pois, NA VIDA, o que vossos filhos pequeninos pensam que vós sois.

7 _ Mesmo nos pequeninos fatos da vida quotidiana, nem sempre a conduta mais lógica é a mais sábia nem, ao menos, a mais sensata.

Há ocasiões em que o sábio deve agir ilògicamente para não deixar de ser sábio.

Testemunha-o o conto de Pirandello, em que uma senhorita, no início de uma viagem demorada, encantada com um cabritinho negro, adquiriu-o por bom preço e confiou-o à guarda de um amigo íntimo do pai. A moça voltou, longo tempo depois, anciosa por encontrar o cabritinho. Mas ai! O senhor Trockley era um homem lógico. E, por isso, infligiu à jovem amoravel e sonhadora mortificante decepção. Em vez de comprar outro cabritinho negro para substituir o primeiro, que se transmudara em bode, pecou por falta de tacto e de

sabedoria: era lógico que a moça soubesse que, ao cabo de tantos mêses, um cabrito degenerasse em bode: ¡ e apresentou-lhe um cabrão anafado, luzidio, mal cheiroso, a fazer tremer o cavanhaque a poder de berros e de espirros!

8 – MINIATURAS

Amorosa da Terra,
A Aurora desfez-se em flôres
por sôbre os pessegueiros...

... uma acácia florida...
... Outra acácia se advinha
nas águas do lago.

Canta a cotovia:
nótas límpidas e poucas.
¡ Eis a poesia!

Lydia Machado Bandeira de Mello

A VII MACABÍADA

David A. Cohen

Realizou-se nos dias 13 e 14 do corrente,no Rio de Janeiro, a VII Macabíada que contou com a participação de São Paulo, Distrito Federal, Estado do Rio e Minas Gerais.

Recebendo um atencioso convite, a A.J.I. fez-se representar levando para a capital federal uma equipe de jovens que causou sucesso projetando o nome do clube fora de Belo Horizonte.

As inúmeras dificuldades surgidas foram em boa hora contornadas pelo esfôrço de nosso dinâmico presidente, bem como do associado Roberto Cohen, sem os quais talvez Minas não tivesse sido representada. Para isto, contámos com a colaboração da Diretoria de Esportes de Minas Geràis, através de seu magnífico presidente, Dr. Fernando Alkimin, e da Associação Israelita Brasileira, que nos deram seu apoio.

A delegação da A.J.I., constituida de 22 pessoas, partiu dia 11 à noite, chegando ao Rio sexta feira dia 12, onde foi recebida pelo incansável presidente em exercício da Confederação Macabi, Sr. Simão Both e pelo atleta Eliau Chut.

Sábado, dia 13, depois do almôço oferecido pela Hebráica, teve início a VII Macabíada, com o desfile de todas as delegações.

Após dizer algumas palavras, o Deputado Salo Brand convidou o Ministro de Israel a cortar a fita sim-

bólica, dando por enagurada a quadra de voley e basket da Hebráica, bem como inagurando os jogos da VII Macabíada.

Após esta solenidade, realizou-se o 1º jogo de voley entre as equipes de Minas e Distrito Federal, vencido pela equipe carioca por 2x0. Seguiu-se S.Paulo e Estado do Rio, que terminou com a vitória da seleção paulista por 2x1.

No jogo dos perdedores, depois de uma partida disputada ardorosamente, a A.J.I., que representou Minas, viu-se vencida pela contagem de 2 sets a 1. Na finalíssima, o Distrito Federallevou de vencida os paulistas por 2x0, sagrando-se campeão, título que mereceu após uma apresentação brilhante.

À noite, um baile no CIB oferecido às delegações visitantes.

No dia seguinte, pela manhã, realizaram-se os jogos de basket.

Minas x S.Paulo, jogo emocionante e disputado palmo a palmo, vencido por S. Paulo nos últimos 3 minutos graças à desclassificação de Moisés. No jogo D.F. e Estado do Rio, venceu o primeiro num jogo fácil

À tarde, depois do almoço oferecido pelo CIB na churrascaria Jardim, houve o campeonato de lance-livre, vencido brilhantemente pela equipe mineira, formada por Moacir, campeão individual de lance-livre, Moisés e Israeli. Na chave dos perdedores de basket, Minas venceu o Estado do Rio por 77x28, conquistando o segundo lugar. Na final, S.Paulo venceu o D. Federal, sagrando-se campeão.

(continua na página 50)

À MARGEM DA VII MACABÍADA

1

Um sucesso o baile do CIB oferecido às delegações visitantes. Os mineiros e mineiras, principalmente estas, visitaram o campo de basquete durante a festa, várias vezes.

2

Assim é que Israel Blas foi visto tomando contato com o campo às 23 horas. Positivamente não é coisa que se faça.

3

Um jogador paulista de basquete, que atende pelo nome de Sérgio, estava com uma de nossas torcedoras (ela é loura) assentado no banco de reservas. Sete horas depois, isto é, às 9 horas da manhã, continuava sentado no banco de reservas, aí já com o uniforme esportivo...

4

Sentados numa arquibancada, torcendo para que a lua não se escondesse, um jogador de voley, de Minas, lamentando a falta de seu carro com uma nossa conhecida.

5

Positivamente, quem mais gastou o salão do CIB foi o Sami. Não parou uma só vez.

6

O David Cohen (que não é nada da diretoria da A.J.I.) foi tomado por presidente de nossa entidade, e o Emílio Grimbaum, como chefe da embaixada. Quem não gostou

(continua na página 50)

ARQUITETURA E ENGENHARIA

José Carlos Ortecho
(aluno da Escola de Arquitetura da U.M.G.)

É comum constatar-se entre o povo e mesmo nos círculos universitários e profissionais, o conceito errôneo que se tem da arquitetura e da engenharia.

As raíses das causas dêstes mal-entendidos se perdem nos confusos acontecimentos do nascimento da era maquinista nos meados do século XIX. Até então o arquiteto desempenhava sempre o papel de criador e executor de edifícios.

O extraordinário desenvolvimento das novas técnicas e do maquinismo é tão impetuoso e tão fulminante que não dá tempo ao arquiteto de se preparar para receber o impacto, e desta maneira amenizá-lo, isto é, racionalizá-lo e pô-lo a seu serviço; perdido, confundido e lançado em outro caminho, assiste inerte ao seu despejo e ruina.

O novo intruso, nascente com vigorosas forças é o engenheiro, produto eminente do século XIX. Em seu poder encontra-se a técnica, a ciência, e lança mão delas para produzir obras que em sua integridade não são de sua competência (inerentes ao artista criador) recorrendo assim à cópia de formas e convertendo a casa em um organismo inexpressivo, mecânico e insatisfatório às necessidades mais prementes.

O criador, o artista, foi relegado ao plano de

pintor, decorador ou fachadista, isto é, aquele que faz a fachada do edifício.

Dêste estado de coisas surgiu uma interpretação, aparentemente certa, mas sôbre bases erradas; as reminiscências dêstes conceitos ainda nos alcançam e por isto se pensa que o arquiteto é o que desenha bonito e projeta fachadas.

Os leigos, ao acreditarem nisto, talvez tenham uma relativa desculpa, porque os 10 anos de atividades(no Brasil) em que a arquitetura tomou seu verdadeiro caminho não apagam os sulcos deixados por um século de desvario.

É verdade que na atualidade a arquitetura e a engenharia são atividades quase inseparáveis; a vida do homem se tem feito tão complexa e as necessidades vão aumentando de tal forma que para satisfazê-los requer-se o concurso cada vez mais da ciência.

Poder-se-ia afirmar que toda a obra de arquitetura precisa da engenharia, não sendo verdade o contrário -que toda obra de engenharia implica a arquitetura - pois para construir um motor, por exemplo, não se necessita da arquitetura.

Cabe pois, neste caso, uma pergunta: é a arquitetura um ramo da engenharia ? Não se podem solucionar os problemas de habitação mediante instrumentos matemáticos que são afinidades da engenharia?

O estudante bisonho e muitos profissionais crêem na resposta afirmativa. A verdade é que a arquitetura sempre foi e será, antes de tudo, arte; a engenharia é ci

ência pura e simples; a arquitetura significa síntese, a engenharia, análise; dois conceitos diferentes que se complementam para resolver o problema da habitação contemporânea.

Afirmar que a arquitetura é um ramo da engenharia (porque o arquiteto necessita de conceitos de matemática, estática, etc.) é como dizer que a música é um ramo da acústica ou a pintura, da química, pois para preparar as côres se faz necessária uma prévia noção de química. Os construtores dos vitrais góticos, até hoje não superados, tinham certo conhecimento de química, mas antes de mais nada foi a inspiração artística que originou estas obras admiráveis.

A arquitetura é uma arte social e vital, "a mais bela das ciências, a mais útil das artes"; porque atende às necessidades primordiais do homem na atualidade, para suas realizações recorre aos conhecimentos técnicos da engenharia. Não é ramo da engenharia, pois a arquitetura é tão antiga como o homem, enquanto que a engeharia nasceu apenas à um século.

Ictinus, arquiteto grego, há 2.300 anos criava o Partenon e, ainda antes, Imhotp, arquiteto do faraó Zoses, construia a pirâmide escalonada de Sakará. Assim, a história demonstra que a arte é anterior à técnica, não podendo ela ser ramo desta. Talvez, que na arquitetura tenha nascido a engenharia e que o primeiro engenheiro foi o arquiteto, quando analizava problemas de estática.

Tal é em suma a diferença que existe entre a arquitetura e engenharia: arte e ciência, respectivamente.

S O C I A I S A. J. I.

Cumprimentamos, pela passagem de seu aniversário natalício, os sócios:

Setembro

dia	6	Iara Coen
"	8	Múcio Sternik
"	15	Rosa Kandlik
"	17	Tobias Chaimovicz

Outubro

dia	3	Raica Kravez
"	6	Helena Kuperman
		Wladimir Exelrud
"	8	Ana Lerman
		Isac David Schainberg
"	9	David A. Cohen
"	16	Dr. Chanina Shejnbejn
"	17	David Zicher
"	19	Berta Roitberg
"	20	Israel Blas
"	22	Helena Rosemberg
"	31	Reveca Ahamovich

Mundo feminino

por Bela Schwartzman

Futilidade

Ser feminina não é sinônimo de ser fútil, como querem alguns. Se quisermos bem observar poderemos vêr como é vazia e desinteressante a vida da moça que procede como se fôra boneca de salão ou adôrno de luxo. E constataremos então a penosa impressão que causam aquelas que vivem àparte do mundo que as cerca, completamente despreocupadas daquilo que não gira em tôrno de sua "preciosa" pessôa.

Em nossa opinião, a mulher pode e deve participar da vida em todos os setores. Ao lado do homem, sem entretanto competir com êle. Possuindo cada qual suas características próprias, não são as mesmas suas atribuções. Portanto, cada qual em seu papel, lado a lado, lutaremos todos por

um mundo melhor, livre de injustiças e misérias, no qual reine a paz e tranquilidade. Para isso não é necessário que percamos a nossa feminilidade. Muito ao contrário: só desta forma será elevada e dignificada nossa condição de mulher.

× × ×

Conselho:

"Prende a alegria que passa
e não a deixes fugir...
que a sorte quando esvoaça
não sabe onde vai cair."

Ele Bernard Shaw: O sol nasce para todos. Os homens é que se fazem sombra uns aos outros.

Moda e Personalidade

Sugestões:

1º) Estude o seu tipo.

2º) Não aceite uma nova moda se esta não a favorece.

3º) Prove cuidadosamente o tecido e as côres. Nem tôdos são para você.

4º) Cuide de sua silhueta e ordem de seu traje.

5º) Por fim, lembre-se: sem personalidade não é possível haver elegância.

CONSULTÓRIO SENTIMENTAL

por "Olho de Lince"

Avisamos os leitores desta revista que esta seção foi criada para responder (se possível) todas dúvidas amorosas.

As perguntas e cartas deverão ser enviadas para a direção da revista ou entregues à responsável da página feminina, que serão respondidas gratuitamente, bem como publicados os anúncios para casamentos e noivados. Garantimos o máximo de discreção.

Bastou os sócios tomarem conhecimento dêste consultório, que as cartas começaram a chegar. Entretanto , devido à falta de espaço desta revista, só podemos responder uma delas, a primeira que nos chegou às mãos.

É ela, justamente, de um rapaz forte,usa óculos. Na sua missiva, diz a certa altura: "Impossibilitado de sair desta capital no momento, por ter de realizar um concurso, valho-me da presente para solicitar ao senhor (ou senhora) redator(a) desta brilhante seção que me arranje uma garota que pelos seus dotex saiba cosinhar, escovar dentes ou dentaduras e arrumar casa. E por falar em casa, senhor ou senhora redator(a): apartamento também serve, pois já tenho experiência nêles. Esperando encontrar por parte desta revista, que deverá marcar época em Belo Horizonte a melhor acolhida possível, aceite um aperto de mão ou abraço (conforme redator ou redatora) do..."

<u>Resposta</u>: Obrigado (ou obrigada) pelas elogio-

sas referências feitas a esta revista. Quanto ao seu pedido, consultamos a nossa lista de Belo Horizonte, e não encontramos ninguém que lhe possa ser útil. Enviamos sua carta para nossos correspondentes no Rio e São Paulo, esperando ter a resposta no próximo número.

-oOo-

CÂMBIO:

O mercado matrimonial abriu firme assinalando engenheiro tipo 7[*] alta de 4 pontos. Em S. Paulo, abertura fraca, melhorando de 2 pontos no fechamento.
Na Capital Federal, mercado sustentável.
Não houve cotação para bacharel e veterinário.

* Belo Horizonte

* *

A DIRETORIA DA A.J.I. TEM A GRANDE SATISFAÇÃO DE COMUNICAR AOS ASSOCIADOS E AO ISHV EM GERAL ESTAR ULTIMANDO OS PREPARATIVOS INICIAIS PARA O GRANDE

R E V E I L L O N A. J.I.

* * *

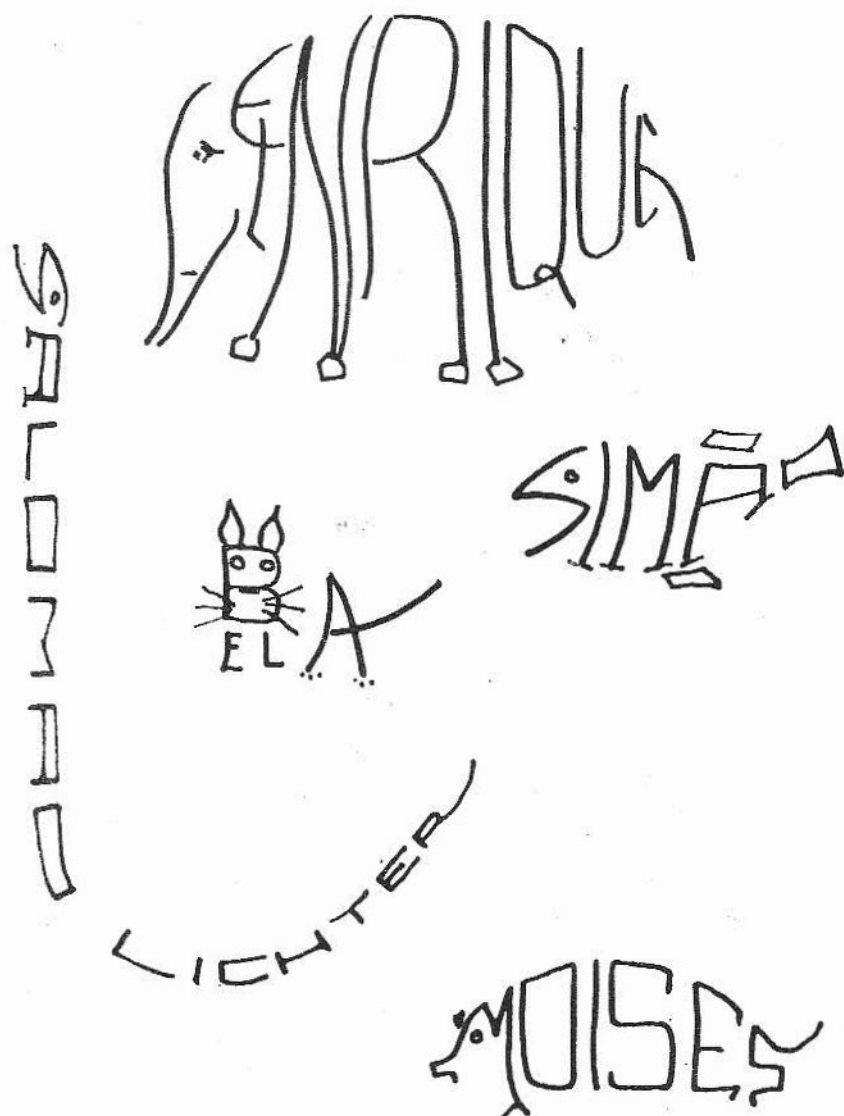
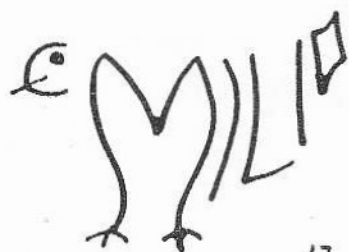
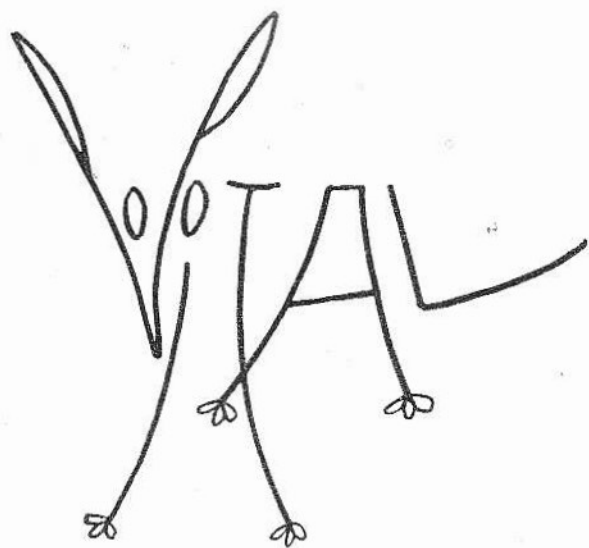
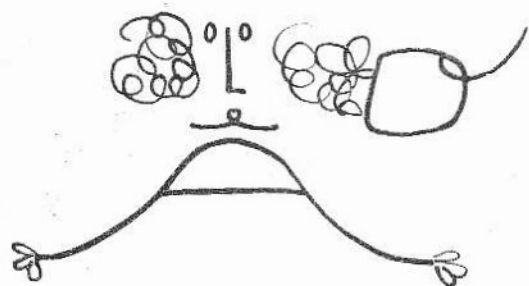
Aprenda a vêr seus amigos

SIMÃO

ELA

LICHTER

MOISES

VITAL
EMILIO

(continuação da pag. 11)
em sua continuidade, pois se os jovens não falam o idish, e não se lhes dá uma oportunidade de estudar, de familiarizar-se com a nossa cultura, estaremos correndo um grande risco de ver os nossos livros num museu histórico, nos arquivos literários, como pertencentes ao povo que já existiu, a um povo que já construiu.

Mas a juventude idish sabe que lhes cabem um papel de grande importância na história do povo judeu , pois ela sabe que está em suas mãos a direção dos destinos do nosso povo. A juventude quer escrever muitas páginas de nosso povo. A juventude quer aprender e enriquecer a cultura idish.

Devemos ser intransigentes quanto á lingua? Isto poderá provocar um afastamento da juventude!

Devemos então pensar não sòmente em nós mesmos, mas em nosso povo e na continuidade de nossa cultura. Como? - Por volta de 1930, foi lançada a tradução do livro idish "Judeus sem dinheiro", de Michael Gold, que alcançou enorme sucesso, transformando-se num dos livros mais lidos da época. Há poucos anos a Editora Rampa, de S. Paulo, também lançou algumas traduções de obras idish para o português, dentre as quais" A Mãe " de Sholem Ash, e "Joias do Conto Idishe" que alcançaram enorme e espetacular sucesso. Na Argentina também tem sido feitas traduções de obras idish para o espanhol. E, apesar de serem em outras línguas, estas obras continuam sendo cem por cento de conteudo idish, e integram de maneira inegável

indubitável e perfeitamente, a cultura judaica, apenas com uma vantagem: maior número de leitores e maior difusão.

Temos, então, que nos lançar com afinco à tarefa de traduzir para o português a cultura judaica. A tarefa não é fácil, como não o são todas as tarefas de vulto. Entretanto, dela não podemos fugir, pois a NÓS cabe êste empreendimento; se o deixarmos para a próxima geração, possìvelmente já não teremos elementos bastantes capazes, conhecedores do idish, capazes de fazê-lo.

A tarefa tem que ser executada: os executores somos nós, e o momento é agora! Caso contrário, estamos correndo o risco de ver desaparecer, da noite para o dia, todo o acervo cultural de um trabalho de milhares de anos.

Mas, por outro lado, não devemos abandonar o idish! Muito ao contrário. As providências acima são necessárias para evitar que a nossa cultura venha sofrer uma descontinuidade. Mas justamente por nós encontrarmos agora em tal situação, justamente por termos chegado a êste ponto, é que devemos nos jogar com mesmo interêsse na luta pela redenção do idioma idish. Devemos procurar, a um só tempo, dar à juventude cultura idish em português e despertar nela, pelo idioma idish, o mesmo amôr e o mesmo interêsse de que nós somos imbuídos. São duas tarefas que se ligam e se completam.

Incentivemos e ajudemos á creação de conjuntos corais e teatrais. São grandes veículos de ensinamento e de fácil compreensão, onde os jovens, cantando e interpre

tando, vão se familiarizando com o idish, suas formas de expressão, etc. Devemos difundir materiais para isto : não sòmente difundir, mas incrementar a luta e, podemos estar certos - os resultados serão satisfatórios, ganharemos esta batalha e teremos assim garantido a continuação de nossa cultura.

Julgamos que êste trabalho servirá de base para uma maior compreensão das finalidades das organizações juvenís judáicas, como devem funcionar, e quais devem ser seus objetivos.

(continuação da pag. 7)

E lá se vinha "Bororó" persiguindo um enorme "caetetú". Vinha vindo cada vez mais próximo a mim. Mais próximo. Só se via um vulto. Era porco e cachorro, cachorro e porco, porco e cachorro, cachorro e porco e "záz" lancei o golpe com todas as minhas fôrças.

Que horrível decepção: partira ao meio o cachorrinho de estimação do meu querido filho Moysés.

Cabisbaixo, sem fôrças para reagir contra mim mesmo comecei a me recriminar de tão pavoroso gesto. E tudo pela ambição desmedida, pela ânsia de enriquecer, de possuir bens a custa de trabalho em lugar tão distante. Mas Esther compartilhava da minha culpa. Foi ela quem me induziu a abandonar a cidade e me dedicar à indústria extrativa da borracha.

– É fácil, dizia ela. Basta cortar a árvore, tirar o leite e vender a borracha.

Borracha, leite, goma. Que estava eu a dizer? Goma, cola.

Um raio iluminou minha inteligência. Era isso mesmo. Não havia tempo a perder. A árvore onde me escondera era uma robusta seringueira. Tirei-lhe o leite e com êle colei as duas partes do animal seccionadas pelo golpe do facão. Operação magnífica. Tudo dera certo.

Passados alguns instantes, voltei a me preocupar com a alimentação doa meus. Caminhei alguns passos e, instintivamente, convoquei "Bororó". Um farfalhar de fôlhas sêcas se ouviu.

(continua na pag. 46)

(continuação da pagina anterior)

Aí é que verifiquei o grave e imperdoável êrro que cometera. Colara, do animal, a parte dianteira para cima e a parte trazeira para baixo,. Por mais que desejasse, o animal jamais poderia ficar de pé.

F I M

** ** **

(continuação da página 21)

quando o habitante da terra também dedica-se ao comércio e indústria manufatureira, antes só exercida, aí, pelo judeu, surge a concorrência, que se vale da luta racial, desde simples provocações até os "progroms". O judeu volta-se então para sí mesmo, e há um "renascimento do judaísmo".

Mas, à medida que a concorrência aumenta, aumenta também a luta racial, e desta forma, o judeu emigra, para onde ainda não existe o intermediário e a pequena indústria de transformação. E nêste círculo vicioso, percorre o judeu, de oeste a leste, toda a Europa, e parte dêle, no início dêste século, vem para as Américas do Norte e do Sul. Não esqueceremos, também, que o anti semitismo possui, mais modernamente, um aspecto de ópio, fazendo dos judeus bode-expiatório.

A luta econômica anti-semita, se provoca a sobrevivência, impede por outro lado o desenvolvimento do judaísmo. Só a supressão desta luta, de possibilidade de sua existência, possibilitaria êste desenvolvimento. Ela só concorreria para o fim do judaísmo, da mesma forma que no futuro todas as culturas se fundirão numa só, mundial.

DEPARTAMENTOS EM FOCO

Departamento Social

Cheio de planos, é o que, afinal das contas,tem tido menos trabalho. Justifica-se: a cada semana, a AJI é convidada para uma festa. Ora é alguém que aniversaria,ora é o casamento de uma sócia, ora é outra sócia que noiva, enfim, não há data para nada. Os diretores, Leon e Ruth, já estão até desacostumados de trabalhar...

É certo que, às quarta-feiras, continuam muito animadas as noites na Ccasa do Sami, com Henrique dirigindo o "totó", a Sarita no "Mexe-Mexe", e o Samuel no comando do ping-pong. E que isto é uma realização do Departamento Social, ninguem duvida. Mas que não dá trabalho , isso não dá, não. Entretanto, o trabalho virá.

Há muito que se espera o grande baile da A.J.I. Este departamento já o está planejando, e mais dia, menos dia, "estourará" na cidade. Será daqueles que só a A.J.I. sabe fazer. Garantimos: marcará época.

***

Departamento Cultural

Sob a direção do Vital (que agora está em seu elemento...) e do Simon, continua suas conferências semanais, sempre com grande presença, particularmente feminina. A sessão de hipnotismo, no início de setembro, com o Moacir como "astro" principal, causou verdadeiro sucesso. Também o estudante Lineu Maia, falando sobre "A Origem

das Espécies", despertou grande interêsse. Depois, voltamos à prata da casa, e as moças, que já tinham ouvido muito, começaram a falar. Mara Bier, sôbre "História da Literatura", e Berta Polaquevich, sôbre a "Indiferença da Juventude quanto a Questões do Judaísmo", agradaram bastante, e agora, garantimos, ainda que não revelem, podemos afirmar que 80% das moças andam atrás do Vital para que sejam designadas para falar. Sim, porque o Vital é o "dono" das horas culturais...

Em breve, iniciaremos um ciclo de conferências e debates sôbre judaísmo, e outros assuntos de interêsse. Se bem que, fora de qualquer dúvida, a maior realização do Departamento Cultural seja esta revista.

***

Departamento Esportivo

Orientado pelo "técnico" Moacir, atravessa fase de grandes atividades. Para a organização das equipes que participaram das Macabíadas no Rio de Janeiro, eram intensos os treinos, e a frequência, simplesmente assombrosa. Parece incrível, mas a turma, de uma hora para outra, transformou-se em turma de atletas. Na semana que antecedeu às Macabíadas, o clube parou: a diretoria não se reunia, ninguém foi à casa do Sami na quarta feira . Por que? Ora, todo mundo estava treinando... Imaginem: até o David Cohen virou jogador de volei! Mas de qualquer forma, graças ao "murro" do Sami, assim como o do sempre presente Emílio, o pessoal, na quinta feira, embarcou no "Cruz Crédo" (ex-Maria Fumaça) em ponto de bala, com lá-

grimas de ambos os lados, os que vão e, particularmente, os que ficam. Como transcorreram os jogos, noticiamos em outro local.

***

Quanto ao mais, assinale-se que o Jacob Korman (o tezoureiro) anda estragando as festas com seus implacáveis recibos, e que a Bella, na secretaria, inicia um grande plano de intercâmbio com organizações congêneres em todo o pais. Não esquecendo o Leon Schaimberg, que, sem cargo definido (é o vice-presidente), dá duro em todos os departamentos.

Com o "maestro" Emílio na regência, nossa desafinada orquestra, barulhenta como sempre, continua executando sua partitura, como, por êste quadro, pode-se examinar.

SUICÍDIO

H. Rodrigues Andrade

Olhou o copo na mesa
Olhou o conteúdo do copo
Olhou para dentro de sí
Olhou o nada.

Tomou o copo nas mãos
Tomou o conteúdo do copo
Descansou o copo na mesa
E descansou eternamente.

(continuação da página 30)
No tênis de mesa, S.Paulo, através do campeão brasileiro Jacques Roth, levantou o título.

Não poderíamos encerrar este retrospecto sem fazermos o sincero agradecimento da A.J.I. aos exelentes técnicos de basket e voley Hugo e Valter, respectivamente, pela magnífica ajuda que deram à A.J.I.

* * *

(continuação da página 31)
da brincadeira foi o Emílio, ameaçando demitir-se da presidência...

7

Mal chegaram ao Rio, duas garotas de nossa torcida atravessaram a Baia de Guanabara. O que foram fazer? Dar uma voltinha de barco, disseram elas. Eu, hein...

8

Agradecemos a boa comida fornecida durante a viagem pelas irmãs Lerman.

9

Tem também o caso do TAMBÉM. Perguntem às meninas que viajaram.

10

Olha o café, oh, Joaquim!

Olha aí, oh Joaquim, quero dormir.

IMPRESSO NAS OFICINAS GRÁFICAS DA
ESCOLA DE DIREITO DA U.M.G.

A ASSOCIAÇÃO DA JUVENTUDE ISRAELITA, assim como esta revista, tem o máximo interêsse em receber publicações de cunho judáico, manter intercâmbio com todas organizações judáicas do país e do estrangeiro, independentemente de sua orientação. Igualmente, remeterá exemplares de "A.J.I." a organizações ou indivíduos que a desejarem, bastando para isto enviar-nos o seu endereço. Igualmente, nossas páginas estarão abertas para todos que nela queiram colaborar. Mais do que isto; é fundamentalmente destes trabalhos individuais que a revista se compõe, para divulgá-los é que ela existe.

***

Qualquer correspondência deve ser endereçada para:

Associação da Juventude Israelita
R..Rio de Janeiro, 282-sala 807
Belo Horizonte.

-oOo-

Em fins de agôsto p.p., foi realizada a 1ª Assembléia Geral da A.J.I., na qual foi eleita a atual diretoria, assim composta:

Presidente: Emilio Grimbaum
Vice-Presidente: Leão Schaimberg

Secretaria: Bella Schwartzman
2º secretário: Elzo Mirahi

Departamento Social: Ruth Hubner, Leon Altman

Departamento Cultural: Vital Balabram, Simon Schwartzman

Departamento Esportivo: Moacir Berman

-oOo-

MOBILIADORA INGLESA
Tupinambás, 512
CASA LEVY
Tupinambás, 400
Relojoaria RIO BRANCO
Curitiba, 311
BAZAR CARIOCA
BAZAR DAS NOVIDADES
CUMPRIMENTAM A COLETIVIDADE JUDÁICA POR OCASIÃO DE
R O S H = H A S H A N Á
MOBILIÁRIO FIEL
A RADIANTE
TELESOM LTDA.
Afonso Pena, 342
MOBILIADORA MUNDIAL
Rio de Janeiro, 327
Dr. JOSÉ VAINTRAUB
Médico
Dr. S. Marcos ZAGURY
Advogado